

Ainda em consequência, a jubilosa tarefa leva e traz o nome caro da poesia.²⁰

Por psíquicos que tinjam, o dom do espaço físico teriam até mim? Limite da agência, o corpo do contorno entanto um belo guarda *in vitro*. A demorada verve que dispõe presente secunda sucessivas sintomáticas, sais daquilo que ardem até perder-se o horizonte. Como num excerto de texto em outra língua, o real real mensagem legará na medida em que um problema tradutório examine:

*innumerae fortasse res existant
quarum ideae nullae in me sunt
non tamen proprie illis privatus
sed negative tantum destitutus*²¹

Castilho conserta ‘*destitutus*’ em desprovido. A nós haverá no alheamento da mais ou menos rigorosa procura, reconhecimento, antes de constituição. Mas como saber se finjo bem ou se não erro? A ontologia do múltiplo, descoberta na prática, firma-se até superá-la em criação. Neste

20 “... a forma específica de transcendência que ocorre quando o todo se representa reflexivamente para o todo, por meio da mediação de alguém que assume a tarefa de ser outra pessoa..” LATOUR (2017). p. 297.

21 “...embora muitas coisas talvez existam das quais não tenho nenhuma idéia em mim, nem por isso devo dizer que estou propriamente delas privado e sim, negativamente, que delas sou apenas desprovido.” DESCARTES (2013). p. 116.

ponto,

*eu sou algo meão entre Deus e o nada, isto é, entre o ente supremo e o não-ente, de tal modo constituído que, na medida em que fui criado pelo ente supremo, nada há em mim que me faça errar ou me induza a erro.*²²

Por lapidar o caminho haverá porventura em desconcerto o que houvesse a enterneida prática em cria? Cada mote dará cola a outro querer?

A verificação estafa:

*na medida em que, de algum modo, também participo do nada ou do não-ente, isto é, na medida em que não sou eu mesmo o ente supremo, faltam-me muitas coisas e, por isso, não é de admirar que eu erre.*²³

Contração constituinte implicada em reconhecida expansão, a verificação ergonômica faz consoantes vivência e uso, vertida energia em raciocínio. Resta difícil, percebe, num vastamente querente mundo, unir *querer e usar* sem a cola de um manejo melhorando?

Amiúde velada, a chance elege-se *ajuste fiscal*, verbo faz melhor aparecer. Ao cerne tende a

22 id. p. 112.

23 ibid. p. 112.

liga interior. *Ato-em-juízo* um legar descrevendo. Opor-se-ão aparência e aparição: saúde pública²⁴ entre presença (*torsion*) e propriedade (*grip*).
— —

Se a força em Clarice apela à consciência da medida narrativa, em Machado o apelo opõe-se à narratividade das medidas.

A autora diz, do centro universal deslocado à margem, o tao do instante enxada observado, cioso de que é tênue porque é tênue a coabitacão; o autor, das margens da política à moderna manjedoura, diz a geórgica nacional parca em alívios, repleta em velada sujeição.

Comparados, montam o dínamo nutricional que em Ramos e Rosa, Mussa e Nassar, Ruffato e Evandro Affonso, desdobrará a perspectiva etiológica da prosa literária em *apuro* epocal.

Machado e Clarice representam, desigualmente, aqueles Rios de Janeiro tensionados pela Pandora republicana e pelo lustre autoritário. Aquela, dom e pena do nascer memoriado; este, erro categorial por política

²⁴ A ambição cívica como entendimento de *publicae salutem* (§33) põe a assembleia (*quorum gloria nobis*) Cícero, qual usuária geral (*utuntur omnes*) da memória (*thesauro rerum omnium*). CÍCERO. *M. Tulli Ciceronis Rhetorica*. Oxford, 1922. p. 36.

infiltrado.

Poderão as leituras do passo romanesco clariciano, de poeta-limite a filósofa-insuficiente, sob a pressão realista de Machado, laudar os momentos de formação e trauma da aventura brasileira?

Entre o resgate histórico da colônia e a evolução republicana, duas frentes climáticas internacionais, transfiguradas como possíveis, admitiram-se metabolicamente: 1) a ascensão democrática dos direitos; 2) a contrafação traumática dos limites.

Neste como naquele caso, perde plasticidade o povo, ganha a fração moderna, internacional e polida do dever identitário do homem, trabalhador do *estado* e policial das famas: faz manter coesa a marcha inclusiva das práticas em detrimento da palidez dos projetos sem capital nem contrato.

Na república advinda, como nas ditaduras truncadas, cabe ao espaço do romance a rima tributária e evasora do sentido geral de um movimento lógico e curado, nunca ligeiro, nunca singular, meu *como da situação* mais ou menos monstruosa do entorno. Em nosso caso: movimento institucional deficitário. Juntos,

sentido e situação darão estofo à compostagem cultural.

No contexto e no romance de Machado, a prática da desconfiança é o passo que se alterna ao estímulo das reformas: tanta fachada nova nos haverá melhores homens? No contexto e no romance de Clarice, o inverno da prática alvorecerá na Forma duvidosa de um espelho: do drama à escritura sou o cós do paciente como a foz da analista?

Entre os 1973 de *Água Viva* e os 1977 de *A hora da estrela*, cabe ensaiar: o texto consciencioso e protocolar de Lispector pretende dar continuidade à ascendência contemplativa de quatro anos antes na novidade formal da novela machadiana? Gostando de tocar o conteúdo de *Água...* a casca e a seiva do tronco epistêmico, próprio e ordenado seria, em *A hora...*, penetrá-lo em cinegrafia?

Porque venta a crítica do juízo, o orador e gravador das épocas desfolhará do método o ornato até que opere em liberdade, contra à leniência por exemplo em Machado, contra o afã em Clarice. A sutileza do caso passará, através da língua, pelas mãos de seus leitores; passará, à época, por sua sarça; à saia da razão por seu novel.

Mas por porte de sentido dado à limitação e à potência daquele que não o escreveu,

o romance proporá à sintonia do entendimento a dificuldade estimulante de um novo stress familiar, de uma dúvida a coçar e a colorir os contornos como se a Ideia fosse *coisa das artes*.

Dará a ver o regime proposicional do romance, assim e num só tempo, conjunção prática-moral – Machado articulando lírica em folhetim, Clarice depurando teoria em prosódia.

Se o emplasto acaso das Luzes a capital carioca expusera ao tradicional absenteísmo do proprietário travestido em diplomata via déficit ignaro ou ingênuo, na contração do romance será este a cada vez ingênuo.

Enquadra-se o entusiasmo do progresso na, antes que morosa, polida inspeção universal da disciplina amorosa dessa gente que preferirá, a pobre, ser índia. Subsiste aos gestos verdadeiros e poéticos literária entidade, cósmica *qua psicofísica*, proteção da vaga estética que acomoda o sentido moralista do romance no desenho refletido da tensão geral mais pura. Apuro e lampejo contra o cós do que circula.

Perde quem escreve as mãos livres para carregar uma sorte de trabalhismo, praticamente sozinho. Então, começa a crer não ter nascido. Seu desejo, vontade vingativa, não saberá respeitar

naturalmente: não há de olhar para trás quem de perto da luz.

Seu vizinho entanto lembrará árdua a paz na piramba. Soberba infratribal a humilhar-se, por obra das gerações a disputar o pão da geometria. Gravou no céu e na terra a lida vitoriosa da invenção casal maior. Escriba vizinho assomada a nostalgia da manhã quando a tarde se anima.

Talvez falte tempo, claricianamente atropelado pela simultaneidade do horizonte desnutrido porque duro, patrício, mesquinho, sem almoço grátis. Talvez a capaz noção machadiana deporá manejo a renda.

A releitura de *A hora da estrela* entretanto em nova chave (podem as representações da política tomar vigor à crítica estética?), dispõe a além-dos-nomes filósofa à poeta à beira das coisas o dito sincopado de um pingente, imperfeito como a sombra do ourives: Água viva em *A hora da estrela* a rara companhia literária da viagem ao zoológico num dia de mau tempo.

O projeto de vida infenso à comunidade das palavras sempre mais fortes que os volúveis talhará testamentária à carreira da gravina seu reconto bravio, ora em carme o que roubara em ilusão e luxo aos cadimos tropicais da margem absolutizante da primavera da televisão colorida e das revistas triviais em anotada preocupação.

Macabéa era “subterrânea e nunca tinha tido floração”.²⁵ Dissecada escravaria das palavras desde a crônica até a tez circulante de pessoas não romancistas decaindo, quase ministras de si, crendo criar, participar, contar, mas curtindo, se tanto, as brevíssimas respirações dos predicados. Cidadão-consumidor: fado cuja frágil ficção, em Macabéa, porá vida no tapume e uns olhos baixos, pesem as distintas distrações.

—

—

Nas transições do Império à República e do varjojanguismo à Ditadura, a forte imprecação urbana e a voz da imprensa ambicionarão faturas concentradamente alheias entre si. Mais tarde, Ruffato e Nassar haverão no Martim de Clarice o encargo do sólio ascendente e o déficit da carência contumaz. Díspares do epítome ergonômico aprendizado no que lidam com a espera menos distantes de si.

Exegese interior, o passo como na cultura clássica dos servidores fará na lira um não sei quê de usança em dúvida, antes que de dúvida a usar. Julgava saber da nutrição a ingestão, não a fome?

Piorada, a alma entretanto lúdica um chiclete à rua espalha e trova a informalidade

25 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rocco, 1999, p. 31.